

## OS DIÁRIOS DE JUVENTUDE DE VIRGINIA WOOLF E SEU ENTRELAÇAR DE SUJEITOS

Mayara dos Santos Freitas (USP)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo toma como base os diários de juventude (1897-1909) de Virginia Woolf, à época de sua escrita ainda Adeline Virginia Stephen, para lançar um breve olhar sobre o entrelaçar dos seus desenvolvimentos identitário e literário. Ao longo dessas páginas íntimas, entrevê-se a formação da identidade da jovem Virginia e, vinculado à constituição desse sujeito que se pensa e age no mundo ao seu redor, é possível visualizar o desenvolvimento de uma identidade literária, o nascer e os primeiros passos de um sujeito escritor, que não sabe que será um dos grandes nomes da literatura do século XX.

**Palavras-chave:** Virginia Woolf; Diários de juventude; Sujeito

Ainda pouco conhecidos pelo público e não muito explorados pela crítica, os diários de juventude de Virginia Woolf configuram um conjunto de sete cadernos preenchidos de maneira intermitente entre 1897 e 1909, ou seja, entre os 15 e os 27 anos da autora inglesa. Tais escritos íntimos vieram à tona em 1990, em um volume intitulado *A Passionate Apprentice: The Early Journals, 1897-1909*, editado por Mitchell A. Leaska. O conteúdo desses diários, dentre diversas outras possibilidades de pensamentos, faz emergir a percepção de que, em Woolf, talvez o seu desenvolvimento como indivíduo se dê de maneira entrelaçada ao desenvolvimento do seu sujeito escritor.

Ao principiar discussões a respeito dos diários de juventude, antes de tudo, é de grande relevância demarcar que não existe no interior dessas páginas íntimas a Virginia Woolf reconhecida como um dos grandes nomes da literatura do século XX. Não há nesses cadernos pessoais a autora de *Mrs. Dalloway* (1925), *Ao farol* (1927), *Um teto todo seu* (1929) e de diversas outras obras que poderiam ser citadas sem dificuldades. Quem permeia as linhas desses diários é uma Virginia anterior a essa. É uma jovem que leva ainda seu nome de solteira, Adeline Virginia Stephen, e que apesar de se desejar escritora desde a infância, não poderia saber como seria o seu futuro.

Ademais, para um melhor andamento da discussão sobre o entrelaçar de sujeitos presente nos diários da jovem Woolf, há ainda outro ponto que merece ser ressaltado: a caracterização do formato diário. Acredita-se que uma pequena exposição seja necessária, pois apesar de diários parecerem tão comuns às pessoas – quantos não são

---

<sup>1</sup> Graduada em Estudos Literários (Unicamp), Mestranda em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP). Contato: mayara.s.freitas@usp.br.

aqueles que em algum momento recorreram, ou recorrem, às folhas de papel para anotar algum momento da vida? – tem-se a impressão de que justamente tal proximidade faça com que não se atente para as singularidades dessa forma de escrita.

Diários compõem um gênero textual híbrido. Dessa forma, podem abarcar toda a sorte de textos, em geral datados, escritos costumeiramente de maneira livre e informal, “Nenhuma forma é imposta, nenhum conteúdo é obrigatório” (LEJEUNE, 2014, p. 327), mas cujo objetivo é guardar momentos e sentimentos vividos no cotidiano dos diaristas.

É possível afirmar que as passagens de um diário são fragmentos da vida de quem o escreve. Isso porque, no ato da escrita, o diarista seleciona o que será retratado do seu dia a dia. Registra o que mais lhe agradou ou incomodou, e assim reforça ou deixa de lado diversos detalhes. Adapta, também, a forma como vai escrever com base em outros fatores, como por exemplo, o espaço de sua página ou de acordo com o tempo que tem: se pouco, deixa entrever apenas um resumo de seu dia, se muito, narra todos os seus pormenores. A escrita diarística é, portanto, naturalmente fragmentária e as partes que a compõem podem relacionar-se ou não. O que é escrito hoje não necessariamente apresenta ligação com algo anotado meses atrás, aliás, o diarista tem o direito de nem ao menos recordar o que escreveu.

Segundo Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico* (2014, p.304), ter um diário pode servir “como uma viagem de exploração”. Escreve-se para se pensar, entender-se, constituir-se. Assim, não raro, muitas pessoas recorrem à escrita íntima para se encontrar, anotam-se em busca de uma unidade de si.

Entretanto, alguns estudiosos rebatem a ideia do uso da escrita de si como ferramenta para a formulação da unidade de um “eu”. Em *Le journal intime* (2002, p.116), Béatrice Didier, afirma: “Loin de se développer harmonieusement pour devenir un être cohérent et unique, le diariste se voit devenir deux ou plusieurs”. Isso significa que, ao se anotar, um diarista não se desvenda uno, pelo contrário, descobre-se vários: o sujeito que vivencia as situações e o que as anota, o sujeito que é escrito e o que se relê.

Considerando a real autoria dos cadernos em questão e o pequeno panorama relativo à escrita diarística, pode-se, então, finalmente lançar um olhar sobre os escritos íntimos de juventude de Virginia Woolf.

O primeiro dos diários é iniciado em 3 de janeiro de 1897, com o objetivo de guardar recordações do novo ano. Na época, Virginia ainda se encontrava em meio ao tratamento do colapso nervoso sofrido após a morte de sua mãe Julia Stephen, em maio de 1895. No período imerso em tal colapso nervoso, Virginia parecia estar desconectada do mundo a sua volta. Segundo Quentin Bell, em *Virginia Woolf: Uma biografia*, esse momento configurou

[...] um grande intervalo vazio, uma espécie de morte positiva que não se pode descrever, e da qual provavelmente a própria Virginia pouco sabia – quer dizer, pouco recordava –, mas que é de importância vital para a sua história. A partir dali ela sabia que tinha estado louca e que poderia ficar assim outra vez. (BELL, 1988, p.77)

Ao começar a leitura desse diário, depara-se com um compilado de entradas nas quais a jovem Virginia faz incansáveis descrições da sua rotina, do dia a dia de sua casa, das idas e vindas de seus irmãos, de seus meios-irmãos e de seu pai. Esses sucessivos detalhamentos do cotidiano, por diversas vezes repetitivos, parecem representar a necessidade de um alguém que deseja apreender o ambiente ao seu redor. Para além, as passagens do caderno talvez descortinem uma menina que, após considerável período de desconexão com o mundo, procura se reconectar a ele e compreender o lugar por ela ocupado.

Em meio ao processo de tentar se entender no ambiente que a circundava, Virginia acaba por trazer para sua diarística o uso da terceira pessoa. Tal movimento de escrita se dá por intermédio da inserção de uma figura denominada Miss Jan, que aparece já na primeira passagem do caderno íntimo:

Nós todos começamos a manter um registro do novo ano – [Va]nessa, Adrian e eu. Pedalei com Georgie até Mr Studds mas descobrimos que ele havia saído, e então fomos para o Battersea Park –  
Havia uma multidão de ciclistas e observadores – Miss Jan pedalou sua bicicleta nova, cujo assento infelizmente é bem desconfortável.  
(WOOLF, 1990, p.5, tradução nossa)

Miss Jan é um elemento que chama atenção no conjunto dos diários de juventude. No entanto, desaparece após meados de 1897 e não retorna em nenhum dos outros cadernos, além disso, não caracteriza uma figura exclusiva dessas páginas íntimas – de

acordo com Gill Lowe, em “*I am fast locked up*”, *Janus and Miss Jan: Virginia Woolf's 1897 journal as threshold text* (2015), sua primeira aparição se dá em uma carta enviada pela jovem Woolf a seu irmão Thoby Stephen, em março de 1896. Nessa correspondência, Miss Jan aparece em um embaraçoso incidente no qual, devido a um vento forte, ela tem sua saia elevada até a sua cabeça.

Miss Jan tem potencial para suscitar discussões que versam sobre diversas temáticas, dentre elas, ficcionalização e focalização. Entretanto, neste momento, o mais relevante é o fato, como comentado, de esse elemento se mostrar como um auxílio para Virginia Stephen se entender e começar a se colocar no mundo.

A jovem diarista traz Miss Jan para as entradas do seu caderno, bem como na carta anteriormente mencionada, em situações vergonhosas, incômodas – como pode ser visto na citação sobre o banco da bicicleta. A figura ganha espaço também em ocasiões de extrema alegria, crítica a outras pessoas ou autocrítica. Ao utilizar Miss Jan, é como se Virginia se distanciasse dos acontecimentos vividos. Tal deslocamento permite a ela enxergar melhor as situações, entendê-las e, assim, poder agir de forma mais consciente. Pode se afirmar, então, que essa figura ajuda Virginia a começar a constituir uma voz mais própria e mais forte.

É possível observar que o diário de 1897 guarda as recordações de uma menina em formação, que ao mesmo tempo em que carrega consigo um grande medo da vida, possui uma enorme vontade de viver:

[...] Este é um volume de uma vida bastante intensa (o primeiro ano realmente vivido em minha vida) terminado, trancado & guardado. & outro & outro & outro ainda virá. Ó querido eles são muito longos, & eu pareço covarde ao olhar para eles. Ainda assim, coragem & passos cuidadosamente pensados – Eles devem trazer algo que vale a pena ter – & [ilegível] eles trarão. [Va]nessa prega que nossos destinos estão em nós mesmos, & o sermão deve ser levado para casa por nós. Aqui está a vida sendo dada a cada um de nós da mesma maneira, & devemos fazer nosso melhor com ela: sua mão no punho da espada – & uma fervorosa promessa não dita! (WOOLF, 1990, p. 134, tradução nossa)

Os demais diários de juventude de Adeline Virginia Stephen possibilitam também contato com o seu desenvolvimento como indivíduo, com a construção de muitos de seus pensamentos acerca do mundo que a rodeia. Todavia, é importante ter o

conhecimento de que esse conjunto de cadernos não segue em sua totalidade um formato padrão de escrita diarística, com características como entradas datadas, contendo descrições do cotidiano e das sensações do seu autor.

Em realidade, os únicos diários que seguem de maneira mais direta tal configuração são o de 1897 e o de 1905. Os outros, por vezes, abarcam ensaios, exercícios de escrita, passagens que chegam até mesmo a conter pensamentos sobre a existência de um possível leitor (algo não tão frequente, mas que precisa ser citado): “Às vezes suponho a presença de um leitor para variar um pouco o que escrevo; isso me faz vestir minhas melhores roupas” (WOOLF, 1990, p. 144, tradução nossa). Vislumbra-se, então, que essa pessoa que se escreve em seus diários, que está em busca de se reconhecer no mundo, ao invés de simplesmente anotar sentimentos e impressões acerca da vida, de maneira livre e informal, carrega para o interior da sua escrita íntima uma preocupação e um trabalho com a linguagem.

No segundo dos diários, escrito em 1899, Virginia começa a tentar descrever os ambientes que a cercam fazendo uso dessa escrita mais esteticamente pensada, contudo, de maneira muito mimética. Ela anseia por conseguir transpor para o papel exatamente a cor do céu, das plantas, das casas, as feições e gestos das pessoas.

[...] Assim termina um dia ligeiramente cinzento de diversão. Isto me foi consideravelmente mais longo de registrar do que o dia inteiro em si: tal relação de detalhes é extraordinariamente difícil, enfadonha & inútil para se ler. No entanto, não existe fim para a escrita, & a cada vez espero que eu possa fazer coisas melhores. (WOOLF, 1990, p. 149-150, tradução nossa)

As tentativas da jovem Virginia de reproduzir, nas páginas de seus diários, o que era por ela visto acabam por trazer à tona, não raras vezes, discussões sobre a incapacidade da literatura em abarcar o mundo, e também sobre qual seria a melhor forma de arte para fazê-lo (é interessante a percepção de que tais questionamentos seguem perseguindo Woolf ao longo dos anos e que ela os trabalha em algumas de suas obras, como *A viagem*, de 1915, primeiro de seus romances):

Afinal de contas nós somos um mundo de imitações [:] todas as Artes, em outras palavras, imitam na medida em que podem a grande verdade que todos são capazes de ver. Este é o eterno instinto da besta humana, tentar & reproduzir algo desta magnificência em pintura

mármore ou tinta – Por algum motivo tinta essa noite me parece o método menos eficaz de todos – & música o mais próximo da verdade. (WOOLF, 1990, p. 143, tradução nossa)

Um movimento de escrita que se torna bastante comum com o correr dos cadernos íntimos constitui-se por uma entrada iniciada com a explanação de alguma ação cotidiana, como andar de bicicleta com os irmãos, que por sua vez, abre espaço a uma descrição do ambiente e culmina em questionamentos sobre a literatura e o próprio o fazer literário da diarista. Tem-se em mãos, assim, textos que acabam por costurar pessoal e literário.

No que tange especificamente a formação de pensamentos críticos sobre o mundo no qual Woolf se via inserida, acredita-se ser importante ressaltar o conteúdo do diário de 1903, constituído por um conjunto de trinta ensaios. À época da escrita desse caderno, Virginia era introduzida na sociedade – a qual vivia ainda imersa na atmosfera do período vitoriano (1837-1901) – pelo seu meio-irmão George Duckworth, e é instigante perceber que a jovem coloca no papel não apenas desabafos sobre as novas vivências, e sim textos escritos de forma a prender um leitor. O mundo de festas e eventos, no qual um dos grandes objetivos costumava ser encontrar um bom casamento, não era confortável à Woolf, ela não parecia se encaixar, não eram circunstâncias que a atraíam para além de uma oportunidade de analisar cada mínimo detalhe desse tipo de situação, o que se torna evidente ao longo da leitura. Virginia apresenta, assim, um olhar com uma crítica pungente, cortante, meio zombeteira em alguns momentos, mas muito ciente daquele mundo por vezes cruel, em especial com o sexo feminino.

[...] Atualmente a maioria das jovens do nosso ciclo tem se especializado nesse ramo de aprendizagem. Suas noites são mais importantes para elas do que suas manhãs – de fato é difícil concebê-las pela manhã. Elas realmente existem antes do relógio bater às oito? Minha crença é de que o sino do jantar as chama para a existência – elas florescem nas salas de jantar como jacintos em junho. (WOOLF, 1990, p. 167-168, tradução nossa)

A propósito, pensamentos acerca da posição das mulheres na sociedade, sobre a relação dessas com trabalho, com literatura são frequentes ao longo de todos os diários (tal fato demonstra que a inquietação de Woolf com o que diz respeito ao papel

destinado às mulheres ao longo da história a acompanha desde muito antes de textos como *Um teto todo seu* e *Mulheres e ficção*, ambos de 1929):

É bem verdade que eu li mais durante essas oito semanas no campo do que talvez em seis meses em Londres. Aprender parece natural para o campo. Acho que eu poderia continuar navegando & saboreando todos os tipos de livro desde que eu vivesse em Salysbury. A atmosfera de Londres é muito quente – e irritadiça também. Eu leio – então abaixo o livro & digo – que direito tenho eu, uma mulher, de ler todas essas coisas que os homens fizeram? Eles ririam se me vissem. Mas esquecerei de tudo isso no campo. (WOOLF, 1990, p. 178, tradução nossa)

Com o andamento dos diários de juventude, torna-se, de fato, perceptível que o desenvolvimento pessoal de Adeline Virginia Stephen se dá de maneira muito vinculada aos seus primeiros passos como escritora. A relação de Woolf com a palavra escrita é desde a sua infância muito intrínseca e as letras, por diversas vezes ao longo dessas páginas íntimas, são vistas como amparo para momentos difíceis.

Quando Virginia começa a trabalhar efetivamente com literatura (entre 1904 e 1905), publicando resenhas em periódicos, demonstra em seus diários sentir-se mais completa, mais forte, mais capaz de enfrentar a vida, mesmo que na época tenha passado por momentos tortuosos, como a morte de seu pai e novos colapsos nervosos. O desenvolvimento de um sujeito se dá de melhor maneira quando este se reconhece no ambiente que o cerca, e Virginia se reconhece na literatura.

Trabalhei na minha resenha, que está difícil por causa do espaço permitido, apenas 600 palavras & muitas coisas para colocar. Mas às 11 fui ao [Dr.] Savage, que estava bem satisfeito, acha que estou “normal” & apta a retornar a minha rotina, sair, trabalhar, etc. – aquela longa e horrorosa doença que começou na segunda semana de abril do último ano, agora é deixada de lado, & eu preciso não pensar mais nisso – O senhor seja louvado! Eu posso ensinar minhas mulheres trabalhadoras uma vez por semana, então devo me concentrar nas leituras – terminar minha resenha. (WOOLF, 1990, p. 222, tradução nossa)

Os cadernos íntimos de juventude de Virginia Woolf são principiados com passagens de uma menina que tateia o mundo ao seu redor em busca de se sentir parte dele. Já suas entradas finais guardam uma mulher consciente de si, das suas vontades:

É exatamente esta acomodação escrupulosamente limpa e prosaica que eu desejava; & até agora minha solidão tem sido excelente, & deliciosamente divertida. Quando eu jantarei? Quando eu tomarei café da manhã? Eu me organizo precisamente de acordo com o meu gosto, & então a porta se fecha atrás de mim, & eu posso ler em paz por duas horas se eu quiser. (WOOLF, 1990, p. 301, tradução nossa)

Para além, os derradeiros trechos dos diários trazem uma Virginia com um olhar muito diferente para a literatura, para o que ela deseja para a sua literatura. Aquela pessoa que queria abarcar o mundo de maneira mimética dá lugar a um alguém que acredita ser através dos fragmentos a melhor forma de se narrar um todo, característica que anos mais tarde será parte vital de suas mais renomadas obras:

Eu alcanço um tipo de beleza diferente, atinjo uma simetria por meio de infinitas dissonâncias, mostrando todos os traços da passagem da mente pelo mundo; & chego no final em um tipo de todo feito de trêmulos fragmentos; para mim este parece o processo natural; o voo da mente. (WOOLF, 1990, p. 393, tradução nossa)

## Referências

BELL, Quentin. *Virginia Woolf: Uma biografia*. Tradução: Lya Luft. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

DIDIER, Béatrice. *Le journal intime*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet*. Tradução: Jovita Maria Gernheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOWE, Gill. “‘I am fast locked up’, Janus and Miss Jan: Virginia Woolf’s 1897 journal as threshold text”. In *Virginia Woolf: Twenty-First-Century Approches*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2015.

WOOLF, Virginia. *A Passionate Apprentice: The Early Journals 1897-1909*. Mitchell A. Leaska [Ed]. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1990.

\_\_\_\_\_. *A viagem*. Tradução: Lya Luft. Osasco, SP: Novo Século, 2008.



\_\_\_\_\_. *Ao farol*. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. *Mrs. Dalloway*. Tradução: Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

\_\_\_\_\_. “Mulheres e ficção”. In *O valor do riso*. Organização, tradução e notas: Leonardo Froés. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

\_\_\_\_\_. *Um teto todo seu*. Tradução: Bia Nunes de Souza e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.